

OEDEOP

LE ANDRO GOMES DE BARROS

Proprietários: Filhos de José Bernardo da Silva

HISTORIA DO Cachorro dos Mortos



FC-497

Acadêmico: LEANDRO

Art. Bar. - 26
cat. I - 721

Leandro Gomes de Barros

Proprietário: Filho de José Bernardo de Silva

O Cachorro dos Mertos

Os nossos antepassados
eram muito prevenidos
diziam: matos têm olhos
e paredes têm ouvidos
na crimes são descobertos
por mais que sejam escondidos

Em nítocentos e seis
na provincia da Bahia
distante da capital
3 léguas ou menos seria
Sebastião de Oliveira
ali num canto vivia

Ele, a mulher e duas filhas
e um filho já homem feito
o rapaz era empregado
e estudava Direito
o velho não era rico
mas vivia satisfeito

As duas filhas eram moças
honestas, e trabalhadoras
ligravam na capital
o nome de encantadoras
chamavam atenção de todos
as grandes tranças tão louras

Esse velho era ferreiro
e ferreiro habilitado
vivia do seu officio
plantando e colhendo gado
por 3 vezes oujeitou
o cargo de delegado

Havia um vizinho dele
Elizário Amorim
esse tinha um filho unico
da especie do Cain
enquanto o espanhol velho
até não era ruim

O filho d'esse espanhol
uma fera carniceira
velo provocar namôro
com as filhas de Oliveira
uma delas disse a ele:
de nós não hâ quem o queira

Ele disse: tu não sabes
que meu pai possui dinheiro
em terras e criações
é o maior fazendeiro?
ela disse: o meu é pobre
planta, cria e é ferreiro

— Minha mãe tece de ganho
nós vivemos de costura
meu pai vivo da sua arte
e de sua agricultura
meu irmão é empregado
para que maior ventura?

O sedutor conhecendo
seus planos serem debaldes
o só podia vencê-la
por meio da falsidade
que é a arma mais própria
onde existe a maldade

Salu dall Valdivino
ledendo a chifre queimado
e Angelita lleon
com o coração desancado
nem disse nos outros de casa
o que tinha se passando

Ele pensou em torcê-la
mas pensou no resultado
devido o pai de Angelita
ser muito considerado
o filho pelo governo
era bem conceituado

Exclamava ele consigo:
oh! Angelita, és tão heia!
cu não sossegarci mais
e nem mo esquecerci dela
farei tudo pra vencê-la
porém não caso com ela

Mas Valdivino tamlá
o pai dela e o irmão
que o governo da provincia
tinha-lha muita atenção
o rapaz era empregado
o tinha consideração

Valdivino logo pensou
 que matando Floriano
 podia calçar com ouro
 todo governo baiano
 ainda que entrasse em júri
 não passava nem um ano

Ou poderia matá-lo
 oculto numa emboscada
 pois ninguém vendo o crime
 ele não sofriria nada
 o futuro não conta história
 estava a questão acabada

Havia ali um engano
 entre Vitória e Bahia
 a divisão das províncias
 ali ninguém conhecia
 Sebastião de Oliveira
 era o único que sabia

O governo da província
 tendo aquela precisão
 disse um dia: Floriano
 você vá em comissão
 chamar seu pai para vir
 mostrar a demarcação

Valdivino de Amorim
 viu Floriano passar
 escolheu um lugar próprio
 onde pudesse emboscar
 dizendo dentro de si:
 ele não pode escapar

- 1 A fera foi emboscá-lo
onde havia uma capoeira
carregou um bacamarte
fêz duma árvore trincadeira
distante um quarto de légua
da fazenda de Oliveira

O rapaz chegou em casa
o velho tinha saído
ver se achava um jumento
que havia se sumido
um amigo lhe escreveu
que lá tinha aparecido

O Floriano chegou
depois que o velho saiu
nessa tarde não voltou
com a família dormiu
deu o recado a mãe d'ele
da madrugada seguinte

Calar um cachorro velho
que Sebastião criou
quando Floriano saiu
Calar o acompanhou
Floriano e quis voltar
porém Calar não voltou

Passava ali Floriano
a fera então enfrentou-o
disparou o bacamarte
sem vida em terra lançou-o
Calar partiu ao alacris
o assassino amarrrou-o

As moças lá da fazenda
ouviram o estampido
Angelita se assustou
dizendo: o que terá sido?
o tiro foi para o lado
que seu irmão tinha ido

Angelita convidou
a sua irmã Esmeralda
dizendo: vamos ali
a passeio pela estrada?
aquêlê tiro que deram
deixou-me sobressaltada

No sertão naquele tempo
podia uma moça andar
passavam 2 ou 3 meses
sem nenhum homem passar
por isso foram elas duas
não tinham o que recear

lã ali conversando
sôbre a aragem matutina
disse Esmeralda à irmã:
olha para o céu, menina
estás vendo aquelas estrêlas
como têm a luz tão fina?

Chegaram onde o irmão
estava morto na estrada
o criminoso do mato
atirou em Esmeralda
e enfrentou Angelita
dizendo: não diga nada

Angelita muito pálida
 sem está esmorecida
 vendo as 2 irmãs já mortas
 por uma mão homicida
 lho disse: monstro tirano
 eu morro e não sou vencida

Ele disse: Angelita
 com tudo isto sou teu;
 foi dar-lhe um beijo nos lábios
 e Angelita o mordou
 ele cravou-lhe o punhal
 ela aí esmoreceu

Pendo a mão na punhalada
 disse: monstro desgraçado
 aquele velho cachorro
 que está ali amarrado
 descobrirá estes crimes
 e tu serás enforcado

Olhou para a gameleira
 que tinha junto à estrada
 dizendo: tu gameleira
 viste esta cena passada?
 és uma das testemunhas
 quando a hora fôr chegada

Já na última agonía
 exclamou: monstro assassino
 tiraste agora 3 vidas
 e não sabes o destino?
 isto hei de te lembrar
 perante o Juiz Divino

— Não julgas que fique impune
 este crime no deserto
 tu não vês 3 testemunhas
 que estão aqui muito perto?
 estas, perante ao público
 irão depor muito certo!

Disse Valdivino: éa louca
 quem viu o que foi passado?
 disse Angelita: esse cão
 que está ali amarrado
 a gameleira e as flores
 dirão no dia marcado!

Olhou para o cão e disse:
 olha, meu velho Calar
 tu dirá tudo ao juiz
 sem ele te perguntar
 essa velha gameleira
 fica para te ajudar!

— E essa flor que por ela
 há festa aqui todo ano
 há de tirar a justiça
 duma suspeita ou engano
 dirá ao juiz: venha ver
 quem matou a Floriano!

— As 3 vidas que roubaste
 pagarás com tua vida
 tu hás de te arrepender
 depois da causa perdida
 uma lágrima de dor
 será por teu pai vertida

Contudo, monstro, perdão-te!
porque fui e sou cristã
a morte de meu irmão
a minha e de minha irmã
tu hoje mintas a mim
outro te mata amanhã!

E pondo a mão sobre uma
das punhaladas que tinha
disse a Calar: se lugares
consola a minha mãezinha
e diga que abençoe
os pobres filhos que tinha!

—Embora que tu não fales
pela não te foi concedido
mas um olhar bem olhado
dá idéias dum sentido
um ulvo e um olhar
pode ser compreendido!

E ali cerrando os olhos
quase sorrindo expirou
o assassino olhando
chorando se retirou
depois pensou: isso é nada!...
com toda calma voltou

Já estava frio o cadáver
porém nas felizes mimosas
via-se perfeitamente
desenho de duas rosas
como se fossem pintadas
por mãos das mães curiosas

Em Esmeralda se via
o sangue inda saindo
vestigio de zombaria
como quem morre sorrindo
como criança que brinca
finge que está dormindo

O rapaz banhado em sangue
bem no meio da estrada
à esquerda do Angelito
à direita de Esmeralda
com uma mão na ferida
e a outra mão estirada

Valdivino tinha à noite
escrito numa carteira:
«eu hoje hei de matar
«Floriano de Oliveira
«se não matá-lo no mato
«será minha derradeira»

listou e assinou o nome
pegou a arma e saiu
se encostou na gameleira
a carteira ocupallu
havia um ôco na árvore
nêle a carteira calu

A fera não se lembrou
da testemunha ocular
perdendo aquela carteira
alguém a podia achar
ela na mão da justiça
quem poderia o salvar?

Porém uma força oculta
 permitiu que ele pordesse
 e a mesma força impôs
 que dela ele esquecesse
 para dizer a seu tempo
 o assassino foi esse

Calar o velho cachorro
 que aquele espetáculo via
 saltando nivos enormes
 que muito longe se ouvia
 rosnava e liaa os olhos
 de balde a corda mordia

Valdivino ali puxando
 um facão muito afiado
 de arregar no cachorro
 um golpe encolerizado
 arrau e cortou-lhe a corda
 com que estava amarrado

Valdivino ficou triste
 vendo o cachorro correr
 lembrou-se do que Angelita
 disse antes de morrer
 porém disso; ele não fala
 como poderá dizer?

Calar chegou na fazenda
 vivendo desesperado
 dona Maria da Glória
 já tinha se levantado
 quando ouviu o cão vivendo
 al creceu-lhe o cuidado

E foi procurar os filhos
 onde ouviu os estampidos
 Calar foi na frente vivendo
 com enormes alaridos
 dona Maria da Glória
 ia aguçando os ouvidos

Como não foi o susto
 quando chegou no lugar
 onde achou os filhos mortos
 sem nada ali atinar?
 Calar sabia de tudo
 mas não podia contar

Volto Maria da Glória
 num triste e pequeno estado
 já Sebastião em casa
 a esperava sentado
 não sabia da desgraça
 que lá pouco tinha se dado

Perguntou pela família
 ela não pôde contar
 disse apenas: morreu todos..
 e apontou para o lugar
 estendeu-se para um lado
 sem nada mais atinar

Sebastião de Oliveira
 foi por onde a mulher veio
 achou a poça de sangue
 os filhos mortos no meio
 olhou para o céu e disse:
 ó meu Deus que quadro feio!

Foi perguntar a mulher
como aquillo foi se dado
ela apenas lhe contou
o que tinha se passado
deixando o pobre ancão
allito e impressionado

Montou num burro o seu
dall para a capital
quando chegou na cidade
foi ao quartel general
lá falou mais de uma hora
e nada disse afinal

Depois de muita insistencia
o presidente entendeu
perguntou por Florentino
ele lhe disse: morreu
ele e a familia toda...
e contou o que se deu

A justiça foi atrás
ver o que tinha se dado
encontrou os 3 cadáveres
no chão em sangue banhados
Caler estava vivo
junto dos mortos deitado

Foram a casa de Oliveira
ver se Maria da Gloria
dava 1 roteiro que ao menos
se calculasse uma historia
ela contou essa mesma
qu'elles guardam na memoria

Dona Maria da Glória
dela dia depois morreu
Sebastião de Oliveira
com 3 dias enlouqueceu
dentro de duas semanas
tudo desapareceu

A justiça da Bahia
não deixou de procurar
espalhou por toda parte
segretos e indagar
não havia uma pessoa
que dissesse: eu vi matar

Dava dez contos de réis
na moeda que quisesse
a pessoa que chegasse
é seriamente dissesse
teria mais um terreno
a pessoa que soubesse

Porém o crime se deu
quando ali ninguém passava
Cálar sabia de tudo
porque no crime ele estava
se lá fosse descobria
desem não lhe faltava

Impressionava a todos
habitantes da cidade
como deu-se aquêle crime
naquella localidade
Flormio de Oliveira
todos lhe tinham amizade

Atribuiu-se a um roubo
por algum aventureiro
mas o rapaz costumava
a não andar com dinheiro
questão de moça não era
ele era justiceiro

Os moradores da perto
eram todos conhecidos
compadre dele e do pai
e por eles protegidos
tanto que se dando o crime
todos ficaram senhores

Elizário era um desses
abortos que têm havido
desses que o pão que come
se considera estruido
fazer-lhe o mal é pecado
fazer-lhe o bem é perdido

Esse era fazendeiro
porem dali não saia
nem era bem conhecido
no comércio da Bahia
só onde vendia lá
alguém lá o conhecia

E o dono do sangue
onde ele vendia gado
e o banco onde tinha
dinheiro depositado
tanto que deu-se esse crime
a dele não foi lembrado

Sentiu e chorou bastante
a morte do camarada
e não foi a missa dela
por não ser de madrugada
pois só tinha uma camisa
e esta estava rasgada

Também procurou saber
quem seria o assassino
não se fez pelo dinheiro
ou pelo proprio destino
mas nunca lhe veio á mente
ser seu filho Valdivino

Onde deu-se o crime havia
duas estradas em cruz
diziam que ali se achavam
umas flores muito azuis
formando uma lapa igual
a do menino Jesus

Os balanos costumavam
desde a antiguidade
fazer uma grande festa
naquela localidade
véspera e dia de ano
novo e no natal

Na capital da Bahia
não havia outro festim
havia missa campal
orquestra a botiquim
balles naquelas latadas
bem cobertas de capim

Em oitocentos e nove
estava a festa a terminar
um velho que ali passava
passou naquele lugar
atrás desse caçador
vinha o cachorro Calar

Abrigo-se numa sombra
vinha muito esbaforido
foi cheirar as pés das cruzes
que o senhor tinha morrido
cheirou as das duas moças
e depois saltou um gemido

Estava ali o general
o bispo e o presidente
com o chefe de polícia
homem muito experiente
todos ficaram daquillo
impressionadamente

O general perguntou
de quem era aquele cão
respondeu o velho Pedro:
esse cachorro, patrão
é do defunto Oliveira
que Deus dê-lhe a salvação

—Este cachorro é o rei
dos cachorros caçadores
ajuda adora o lugar
que mataram seus senhores
se lósse de madrugada
seus ulvos faziam horrores

Disse o chefe da palmeira:
inda não se descobriu
a morte de um patriota
que tanto a pátria serviu
foi logo neste deserto
em hora que ninguém viu!

Disse ali o presidente:
se ainda se descobrir
o autor dessas 3 mortes
eu juro a Deus o poder
serei o carrasco dele
quando a fôrca subir

—Sebastião de Oliveira
era um pobre acreditado
a família deu exemplo
o filho um rapaz honrado
era um rapaz distinto
por todo mundo estimado

Então disse o general:
isso inda é descoberto
o crime foi muito oculto
feito aqui neste deserto
mas quando chegar o dia
há de saber-se por certo

—Se eu vivo fôr nesse tempo
serei o algoz mais forte
serei um dos que conduz
para o teatro da morte
com a minha própria mão
amole o ferro que o corte

O cachorro ouviu aquillo
ergueu-se muito contente
foi aos pés do general
festejou o presidente
como quem dizia: o crime
é pualdo certamente

Disse o bispo: esse cachorro
é testemunha ocular
ele viu quem fez as mortes
só falta o ele apontar
se ele visse o criminoso
podia o denunciar

- * Disse o velho: esse cachorro
fez uma coisa esquisita
tinha uma cobra enroscada
onde mataram Angelita
ele despedaçou-a a dentes
quase que se precipita

—Quando ele vem aqui
nos pés das cruzes se lança
solta um ulvo muito triste
como quem pede vingança
como quem pede debalde
sem ter daquillo esperança

Nisto chega um cavalheiro
Valdivino de Amorim
andava lora, anda vinha
ver se alcançava o festim
vinha num burro possante
alvo da cor de jasmim

Assim que o cachorro viu
 Valdivino se apressar
 rosnou e partiu a ele
 querendo o esfaqueitar
 só não raaçou-lhe a garganta
 devido o velho o pegar

Tremia o queixo e babava
 fitando ali Valdivino
 vivava como quem já
 tivesse perdido a tino
 só faltava era dizer:
 eis aí o assassino

E foi para o pé da cruz
 e ali pegou a nivar
 fitando os olhos ao céu
 como quem quer suplicar
 como quem dizia: ó Deus
 vem, quem não posso falar!

O bispo disse: Valdivino
 voce está descoberto
 foste o autor sanguinário
 das mortes d'este deserto
 aquêlê cachorro deu
 um depoimento certo

O monstro viu a perigo
 fez tudo para negar
 o bispo disse: meu filho
 não há mentira em olhar
 os olhos são verdadeiros
 não podem nada occultar

Os olhos também se queixam
um olhar diz o que sente
ameaça ou traição
punição severamente
declara mágoa ou a dor
porem o olhar não mente

—O olhar daquele cão
está demonstrando a dor
o sentimento profundo
da morte do seu senhor
ele só falta falar
e apontar o matador

Naquilo duas crianças
que estavam em brincadeira
uma delas se trepon
num galho da gameleira
tirando um olho de rato
achou nêlo uma cartela

O leitor deve lembrar-se
dum verso que aqui já les
veja na véspera do crime
o que Valdivino escreveu
que no tronco da gameleira
a cartela se perdeu

Ali trouxeram a cartela
entregaram ao general
o bispo disse: senhor
o que lhe disse afinal?
nôo lhe disse que os olhos
só dizem o que é legal?

Valdivino descobriu tudo
em sua interrogação
Calar ali demonstrou
ter grande satisfação
pulava um metro de altura
e rolava pelo chão

Corria escaramuçando
com quem estava om tolda
festejou o general
com desmarchada alegria
como quem dizia: nessea
encontrei o que queria

O povo todo da festa
quis a Valdivino linchar
o blapo e o presidente
trataram de acomodar
garantindo que a justiça
havia de o castigar

Sainz preso Valdivino
Calar o acompanhou
o velho Pedro o chamava
mas ele não escutou
voltou quando Valdivino
preso nos ferros deixou

O general ao sair
ordenou ao cozinheiro
que desse ao velho Calar
um bom lamba de carneiro
porque muito merecia
aquele bom campainhoira

O erlado deu o lombo
 Calar nem para ele olhou
 saiu o povo da festa
 e o lombo lá ficou
 o cachorro veio comer
 à noite quando voltou

A mulher de Elizário
 sabendo o que aconteceu
 deu-lhe um ataque tão forte
 que no chão se estendeu
 passou a noite sem fala
 no outro dia morreu

Juvenal, um espanhol
 amigo de Elizário
 chegando lá disse ao velho:
 você é millionário
 compre 3 ou 4 médicos
 que provem ele está vário

—Porque ele estando vário
 não poderá ser julgado
 o processo fica inválido
 não pode ser condenado
 aí o senhor procura
 o melhor advogado

Elizário pensou
 aquillo ser acertado
 do contrario Valdivino
 ia ser executado
 e tinha toda certeza
 ele morrer enforcado

Dirigiu-se a capital
procurou um advogado
esse arranjou 4 médicos
sendo o réu examinado
provaram que há 4 anos
ele era treloucado

O bispo e o presidente
consultaram ao general
mandaram ver 4 médicos
no reino do Portugal
e fizeram na Bahia
uma junta especial

Vieram de Portugal
4 médicos escolhidos
que por dinheiro sem conta
não seriam ludidos
esses homens de caráter
jamais seriam vendidos

E examinaram o réu
e cada um de peral
depois disseram que nunca
houve tal loucura ali
nem se quer nervoso havia
todos juraram aí

Fizeram novo processo
depois dele examinado
estando pronto o processo
Valdivino foi julgado
a sentença que pagou
foi para ser enforcado

Não havia mais recurso
estava tudo consumado
o réu dali a 3 dias
ia ser executado
não tinha mais que apelar
já tinha sido juigado

O velho quase sem jeito
sem nada mais conseguir
tentou o último meio
a fim do filho fugir
mas só dos degraus da lórea
podia se escapular

Então soube que o carrasco
era um tal do Zeffrino
um calitre mais ou menos
igual ao de Valdivino
tinha os 3 dons da desgraça
covarde, vil, assassino

Era um mulato laranja
de aspecto aborrecido
o couro da testa dele
sempre se via franzido
os cabelos bem vermelhos
rosto largo não comprido

Foi o velho Eliziário
a esse tal Zeffrino
ver se esse podia dar
evassão a Valdivino
dizendo: ele pula da lórea
e depois toma o destino

— Pegue dez conto de réis
que lhe dou adiantado
e se tiver a fortuna
dê-lo não ser enforcado
dar-lhe-ei mais 20 contos
o dinheiro está guardado

Então disse Zefirino:
isso é difícil arranjar
porém quando ele subir
eu fingo me desculdar
ele que vai prevenido
trate logo de saltar

- * Disse Zefirino ao velho:
o senhor deve aprontar
um cavalo bem ligeiro
para quando ele saltar
montar-se logo e correr
antes do povo chegar

— Eu hoje direi a ele
tudo que está planejado;
que cõr será o cavalo
que deverá estar selado?
— diga que é o poldro cobra
que ele andava montado

Valdivino quando soube
dessa consulta que havia
ficou como uma criança

chorava de alegria
jurando no mesmo instante
que Calar lhe pagaria

E quando chegou o dia
estava o povo aglomerado
Valdivino de Amorim
lá ser executado
tudo ali estava esperando
ele morrer enforcado

Presente ao estado maior
que vinha presenciar
subiu Valdivino à torca
Zelirino foi lançar
porém ele se encolhando
conseguiu dali saltar

E saiu como um flecha
entre o povo se mateu
se montando no cavalo
dali desapareceu
internando-se no mato
num instante se escondau

O povo indignou-se
com a fuga de Valdivino
um deles que ali estava
estrangulou Zelirino
porque esse tinha dado
evazão ao assassino

Porém chegou o cachorro
quase na ocasião
saltou 2 ou 3 latidos
saiu de volta no chão
68 praças foram
também na perseguição

Porém Valdivino lá
em bom cavalo montado
tinha grande vantagem
por não ter saído armado
e Calar no rastrão d'ele
ganha muito vexado

Foi preso Elizário
como autor da evasão
o povo não o matou
porem foi para a prisão
e o bispo que saiu
pedindo a população

Era meia-noite em ponto
Valdivino lida corria
o cavalo já cansado
que nada mais resistia
e o cachorro Calar
de vez em quando latia

Valdivino conhecendo
que a ele nada valia
e o cachorro Calar

seu rastro não deixaria
pensou em suicidar-se
só assim descansaria

Dentro do mata speou-se
e amarrou o cavalo
encostou-se numa pedra
sentiu alguém acordá-lo
nisso o cavalo espantou-se
ele não pôde pegá-lo

Seguiu por uma verêda
descalço e todo rompido
ouvindo de vez em quando
Calar soltar um grito
foi sair bem no lugar
que os crimes tinham havido

Ele viu a gameloira
que sombreava a estrada
Floriano de Oliveira
Angelita e Esmeralda
Sebastião de Oliveira
e dona Maria prostrada

Viu vir uma carruagem
nela via um magistrado
que saudou os 5 vultos
depois de ter se apeado
exclamou: sangue inocente
breve há de ser vingado!

Tornou a tamar o carro
se montando foi embora
neste momento Cazar
vem com a lingua de fora
festejou todas as noites
e partiu na mesma hora

Um dos vultos chamou ele
o cachorro estacou
Valdivino não ouviu
o que o lantasma falou
só ouviu foi dizer: volte...
e o cachorro voltou

O criminoso pensou
que ali não escaparia
lembrou-se duma pessoa
que morava na Bahia
pois tinha onde ocultá-lo
que nem o cachorro via

Era um compadre e amigo
a quem ele protegia
que com dinheiro do pai
tinha se enriquecido
e ia sempre visitá-lo
quando a justiça o prendeu

Valdivino calculou:
o que eu devo fazer
é ir lá para o quintal

por ali me esconder
 ou ele ou a mulher dola
 um há de aparecer

E aqui o assassino
 chegando lá se escondeu
 não houve ali quem a visse
 quando a dia amanheceu
 o compadre veio fora
 a ele lhe appareceu

Valdivino lhe pediu
 que não o deixasse morrer
 disse-lhe o velho Roberto:
 eu tenho onde te esconder
 porém ninguém mais daqui
 disso não pode saber

Quatro dias decorriam
 e o assassino escondido
 debaixo de uma madeiras
 estava ele metido
 o pai dele na cadeia
 já ia ser concluido

Num dia de quarta-feira
 o velho Calar chegou
 a force lnda estava armada
 Calar ali n olhou
 cravando a vista no céu
 um uivo triste soltou

Velo ali o presidente
que trouxe um pão e lhe deu
Calar olheu para ele
cheirou-lhe os pés e gomen
botando o pão entre as mãos
deitou-se e ali comeu

Chegou a força do mato
não trazendo o criminoso
o general com aquilo
ficou muito desgostoso
até o governador
ficou doente e nervoso

O povo em roda da fôrça
só fazia lamentar
que o pai do assassino
devera se executar
todos pediam ao govêrno
que o mandasse enforcar

O cachorro levantou-se
como quem está chamando
foi à casa de Roberto
na porta ficou ulvando
olhava para Roberto
partia e ele rosando

O general com aquilo
ficou bastante nervoso
e disse ao governador:

estou muito receoso
que ali naquela casa
está oculto o criminoso

Então a força cercou
toda a casa de Roberto
o cachorro se limitava
era dizer: está perto;
o general disse a ele:
o senhor está descoberto

Roberto ali descobriu
o assassino onde estava
debaixo dumas madeiras
o monstro só se conservava
foi levado ao pé da forca
onde o povo o esperava

Contou tudo que se deu
antes de ser enforcado
os vultos que viu nas cruzes
a quem tinha assassinado
o segredo do cachorro
e o burro do magistrado

Às 5 horas da tarde
a justiça o enforcou
o pai dele estava preso
assim que o sino dobrou
ali saltando um gemido
na mesma hora expirou

Estando morto o assassino
o botaram sobre o chão
o cachorro olhou-o bem
chamando toda atenção
saltou dois ou três latidos
que espantou a multidão

Quando a policia ordenou
pra ser o corpo inhumado
sobre os pés do general
Calar caly muy cansado
talvez querendo dizer:
general, muito obrigado

O general foi ver água
ao cachorro ofereceu
ali o velho Calar
dois goles d'água bebeu
trouxeram-lhe uma lritada
porém ele não comeu

Festojando o general
as pernas dele abraçou
dirigiu-se ao presidente
a mesma ação obrôu
depois desapareceu
nôvo destino tomou

Foi direto ao lugar
que o horrendo crime se deu
no pé da cruz do Angelita

ele cavou o gemeu
o velho Pedro o chamou
mas ele não atendeu

Deitou-se entre as 3 cruzeiras
sua vida liquidou
nas condições dum guerreiro
que da batalha voltou
trazendo loiras de guerra
à sepultura baixou

O general quando soube
que Calar era sumido
e que faziam três dias
que não era apparecido
mandou gente procurá-lo
ficando muito sentido

Saíram 5 ou 6 praças
em procura de Calar
o general tinha dito
não voltem sem o achar
traga ele direitinho
não o faça maliciar

As praças foram ao lugar
onde os crimes tinham havido
onde a família Oliveira
tinham toda succumbido
bem no pé duma das cruzeiras
tinha o velho cão morrido

Tinha pôsto termo a vida
 o maior dos lutadores
 o que em sua existência
 viu o horror dos burgueses
 qua sem falar descobriu
 quam matou os seus senhores

O general quando soube
 da forma que o linha achado
 mandou fazer uma cova
 e nela foi enterrado
 um dos amigos mais firmes
 que no mundo foi criado

E na morte dos senhores
 ele afirmou ter ação
 provou que tinha amizade
 ao velho Sebastião
 a morte só foi vingada
 por sua perseguição

Só não fez foi dizer nada
 mas provou por sua vez
 apontou só com a vista
 o monstro que os crimes fez
 seus olhos diziam ao público;
 este matou todos três

Deitou-se encostado-as cruzes
 que tinha edificado
 tinha morrido há 3 dias

e nem sequer estava inchado
como quem dizia: agora
posso morrer, estou vingado

Mais de duzentas pessoas
assistiram enterrar ele
devido a grande firmeza
que tinha se visto nêlo
muitas flores naturais
deltaram na cova dêlo

Agora vejam, leitores
quem era o velho Calar
e como Sebastião
um dia pôde o achar
ele tinha cinco dias
o dono ia o matar

Então o velho Oliveira
achou ser ingratidão
matar aquele inocente
embora fosse ele um cão
porém disse: a caridade
não se faz só a cristão

E levou-o para casa
disse a mulher que criasse
dizendo: pode ser bom
algum dia inda ceçasse
quando nada na fazenda
talvez os bichos assantassem

De fato, Calar errou-se
 e era um cão caçador
 maracajá e rap, as
 tinham dele tal pavor
 que passavam muito longe
 da fazenda do senhor

Era o vigia de noite
 um minuto não dormia
 numa colcha que guardavam
 o velho cão não bolia
 só quando os donos lhe davam
 era que ele se servia

A família de Oliveira
 às vezes a conversar
 a velha dizia aos filhos:
 este cachorro Calar
 tem expressão de pessoa
 que conhece o seu lugar

Em casa do dono dele
 à noite nada chegava
 um bacurau que voasse
 não se erguia e ladrava
 o poleiro das galinhas
 até coruja espantava

Como era muito bom
 o dono sempre caçava
 porém a vizinho algum

À noite acompanhava
e só ia para o mato
quando o senhor o chamava

Depois de terem morrido
os senhores de Calar
o pobre cão toda noite
ia para aquele lugar
olhava para as 3 cruzeiras
levava a noite a uivar

Latia e litava o céu
que causava pena a dó
via sangue no capim
ele cobria com pó
não queria ir pra casa
passava o dia ali só

O velho Pedro dos Anjos
vizinho de Sebastião
achou que aquele animal
merecia compaixão
chamou-o para não vê-lo
morrer sem ter remissão

O velho Pedro caçava
toda noite com Calar
mas ele só ia à caça
depois que ia ao lugar
aos pés daquelas cruzeiras
não deixava de uivar

E assim morreu Calar
 ficou também descansado
 era um cão, porém deixou
 o nome immortalizado
 morreu depois de vingar
 quem já tinha o livrado

Faltor, não levante! falso
 escrevi o que se deu
 acredite que este fato
 na Bahia aconteceu
 Depois de lutar muito
 Solou Calar sobre o chão
 Onde seu senhor morreu

— F I M —

ATENÇÃO!

Se o amigo de-jaer ainda faz o seu
 Haráiroon porque ~~deixa~~ sabe para
 que gasto deve se, ~~elemento~~, alguns
 canas de sapatos, pedras e outras
 dias, pedras faldas, ~~três~~ ~~de~~ ~~de~~
 idêntico e todo os acontecimentos que lhe
 estão sujeitos durante a sua existência.
 Basta mandar a data do nascimento
 acompanhada de Cr\$ 20.00, a Tip. N.
 Francisco, rua São Luiz 752 - Juazei-
 ro do Norte Co. Atendemos urgente.
 Também aceita em uma envelope com a va-
 ra declarada.

Tip. São Francisco

João Bernardo da Silva

Rua Sta. Lúcia, 263-Juazeiro do Norte-Ce

A G R N T S:

EDSON PINTO DA SILVA

Mercado S. José-Campartimento N. 7

Recife - Pernambuco

BENEDITO ANTONIO DE MATOS

Café S. Miguel, dentro do Mercado Central - Fortaleza - Ceará

Exclusiva em Natal

ANTONIO EMÍLIO DA SILVA

Rua Cel. Estêvão, 1886 - Natal-R.N

Exclusivo para todo o Pará:

RAIMUNDO OLIVEIRA

Mercado de Ferro Aparador, 26

Belém - Pará

SEVERINO JOSÉ DOS SANTOS

Rua Eng. Paulo Lopes, 695--Lote 4

Bangu - Rio - GB

BANCA TROVAS DO NORTE

Lino Ferreira Neto

Mercado Público - Santa Inês - Ma

— ANTONIO ALVES DA SILVA

Rua Clodoaldo de Freitas, 707

Terezina - Piauí

P. 11 - AOLFON.

P. 17 - DFTOS.

P. 24 - DOUTA.